

Stéphane Mallarmé

Crise de Versos

Tradução e nota de leitura
Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo

DERIVA

TÍTULO
Crise de Versos

TÍTULO ORIGINAL
Crise de Vers

AUTOR
Stéphane Mallarmé

TRADUÇÃO E NOTA DE LEITURA
Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo

CAPA SOBRE FOTOGRAFIA DE
Lola Swan e Luísa Martelo

ISBN
978-972-9250-80-4

REFERÊNCIA

1506005

FORMATO

10x18cm

1ª EDIÇÃO

JULHO 2011

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO

Publidisa

DERIVA EDITORES
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2
4000-468 PORTO
TELEFONE E FAX
351 225 365 145

E-MAIL
deriva@derivaeditores.pt
www.derivaeditores.pt
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

© Deriva Editores, 2011

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.



Nota de leitura

Elíptico, extremamente condensado, interrogando tudo quanto poderia distinguir a poesia dos usos comuns da linguagem, o texto de *Crise de Versos* é, ao mesmo tempo, um diagnóstico e uma profecia. Por um lado, procura surpreender a dissolução de versos tradicionais, em particular do alexandrino (o verso oficial por excelência), ao longo da segunda metade do século XIX e sobretudo após a morte de Victor Hugo. Diagnóstico difícil de uma experimentação formal então ainda em curso: o que nos surge hoje como conquista definitiva e já distante (em termos de livre invenção de metros, cesuras, formas gráficas) era no tempo de Mallarmé um acontecimento recente, plural, a necessitar com urgência de teorização. Por outro lado, *Crise de Versos* antecipa as poéticas dos modernismos e das primeiras vanguardas, ao enfatizar a produtividade da tensão entre a busca de um princípio construtivo, que asseguraria a impessoalidade, e a dissolução das formas canônicas.

A 7 de Junho de 1887, Mallarmé escrevia a Gustave Khan felicitando-o pela descoberta, em *Les Palais Nomades*¹, de um ritmo individual, livre da imposição de modelos de verso:

1 Em tradução literal, *Os Palácios Nómadas*.

Deve estar orgulhoso, palavra de honra! É a primeira vez, na nossa literatura como em qualquer outra, penso eu, que um Senhor, perante o ritmo oficial da língua, o nosso velho Verso, inventa um para si próprio, perfeito ou ao mesmo tempo exacto e dotado de encantamento: eis uma aventura inaudita!²

O evidente entusiasmo do poeta não o impedia, porém, de acrescentar que jamais a forma nova apagara a antiga: “esta última permanecerá, impessoal, pertença de todos e de quem desejar isolar-se de outro modo, livre de escolher”³.

Estas considerações comentam explicitamente as experiências formais de Paul Verlaine, Henri de Régnier ou Jules Laforgue, por exemplo. Mas não deixam de nos fazer evocar também Arthur Rimbaud, Walt Whitman, ou, mais amplamente, a produtividade da crise cuja dimensão Mallarmé antecipava: ao submeter os processos de subjectivação e de referência à esfera da linguagem, enunciava a condição autonómica e abstractizante da poesia moderna e esboçava o caminho que viria a ser percorrido por sucessivos experimentalismos.

Detenhamo-nos um pouco na génese de *Crise de Versos*.

Mallarmé refunde excertos publicados anteriormente em revistas ou obras diversas, e im-

2 Stéphane Mallarmé, *Correspondance – Lettres sur la poésie*, edição de Bertrand Marchal, prefácio de Yves Bonnefoy, Paris, Gallimard/Folio, 1985, p. 595.

3 *Ibid.*

porta ter presente que os parágrafos deste texto, tão breve quanto fulgurante, reflectem dez anos de publicações. De resto, dez anos determinantes na escrita mallarmeana, balizados por dois acontecimentos incontornáveis: a morte de Victor Hugo, em 1885 – o poeta que teria sido “o verso em pessoa”⁴ –, e a publicação de *Un Coup de Dés*⁵ na revista *Cosmopolis*, em 1897. “Não lhe parece ser um acto de loucura?”⁶ – terá perguntado Mallarmé a Paul Valéry ao mostrar-lhe as provas desse poema, um dos textos mais emblemáticos da relação entre as poéticas da modernidade e a experimentação discursiva.

Quando incluiu *Crise de Versos* no volume *Divagations*⁷, de 1897, Mallarmé fez-lhe corresponder uma pequena informação bibliográfica: “*Crise de Versos*, Estudo proveniente do *National Observer*, retomando algumas passagens de *Variations* omissas: o fragmento «Um inegável desejo do meu tempo» isolou-se em *Pages*”.

Completando esta nota, Henri Mondor e G. Jean-Aubry⁸ definem a cronologia do texto através de três datas: 1886-1892-1896. Com efeito, a secção mais antiga de *Crise de Versos*, aquela que o poeta recorda ter surgido autonomamente

4 Cf. *supra*, p.11.

5 *Um Lance de Dados*.

6 *Apud* Paul Valéry, “*Le coup de dés*, lettre au directeur des *Marges*”, *Œuvres* I, edição estabelecida e anotada por Jean Hytier, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, p. 625.

7 *Divagações*.

8 Cf. Stéphane Mallarmé, *Œuvres complètes*, texto estabelecido e anotado por Henri Mondor e G. Jean-Aubry, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1945, p. 1574.

em *Pages*⁹, já em 1886 tinha constituído a secção central do preâmbulo escrito por Mallarmé para o *Traité du Verbe*¹⁰, de René Ghil. Curiosamente, esse texto mais antigo não surge no início da *Crise de Versos*, mas no seu fecho, constituindo os seis últimos parágrafos. Assim, a montagem de materiais anteriores não reflecte a cronologia da escrita de Mallarmé, ou uma qualquer evolução das ideias, mas sugere uma fundamental sincronia do pensamento, que conjuga textos distantes.

Podemos articular este trabalho de montagem com uma advertência da breve nota que antecede os textos reunidos em *Divagations*: “as Divagações aparentes tratam um tema, de pensamento, único – se as observar na condição de estrangeiro, como um claustro, desfeito exalaria, ao passante a sua doutrina”¹¹. Embora *Crise de Versos* conjugue diferentes momentos de reflexão, também neste caso se poderia falar de “um motivo, de pensamento, único”, a que Mallarmé regressa em lances sucessivos. E se o resultado não esconde as fracturas, é inegável que a construção obtida “exala” coerentemente uma “doutrina”.

A origem dos vários textos que Mallarmé recupera, entretanto, não poderia ser mais díspar. Os três primeiros parágrafos de *Crise de Versos* reproduzem o início de uma das “Variations sur

9 *Páginas*.

10 *Tratado do Verbo*.

11 Stéphane Mallarmé, *Divagations*, Paris, Bibliothèque-Charpentier, ed. Eugène Fasquelle, 1897, p.1

un Sujet”, publicada em *La Revue Blanche* sob o título “VIII. Averses ou Critique” (1 de Setembro de 1895); segue-se, com alterações, um excerto de “Vers et Musique en France”, publicado em *The National Observer* (26 de Março de 1892); o texto da “Variation” é retomado no parágrafo que começa por “As línguas imperfeitas” e termina com o parágrafo “Indício com duas consequências –”. Nos seis fragmentos seguintes são intercaladas reflexões vindas de *La Musique et les Lettres* e de *Vers et Prose*, de 1893. De “Uma disposição do livro de versos” até “entre as idades ditas civilizadas ou – letradas” é, uma vez mais, retomado o texto da “Variation”; segue-se outro fragmento vindo de *Vers et Prose*, até que entramos na última secção, extraída do “Avant-dire” ao *Traité du Verbe*, de René Ghil¹².

Crise de Versos mostra que a experimentação formal começa por ser vivida na figura de uma crise, com *pathos*. E não simplesmente crise de uma convenção, de metros entronizados numa cultura, mas crise da própria cultura e do pensamento ocidental como um todo. Em palavras de Jacques Rancière, “A crise pontual do venerável alexandrino remete para o desvanecimento mais sério do céu das Ideias. (...) O poeta já não tem modelo, celeste ou humano, a imitar. É doravan-

12 Cf. Henri Mondor e G. Jean-Aubry, “Notes et variantes” in Stéphane Mallarmé, *op. cit.*, p. 1574. Quanto aos textos de Mallarmé referidos neste parágrafo, propomos uma tradução literal: “Variações sobre um tema”, “VIII. Bâtegas ou crítica”, “Versos e música em França”, “A música e as letras”, “Verso e prosa”, “Prefácio”.

te «apenas pela dialéctica do verso» que poderá avivar o selo da ideia”¹³. A crise é o acontecimento desta secularização desconcertante: da Ideia platónica à ideia forjada pelo verso, e indissolúvel dele.

Assim, o verso não traduz, com maiores ou menores acidentes, a Ideia; ele glosa, experimenta, dissolve-se, oferece a sua própria instabilidade como tipo de pensamento inédito. Esse pensamento é profundamente material, não pode prescindir do trabalho formal do verso, consubstancia-se com ele: escrever é pensar, o poema é a ideia materializada, o significante é o significado. Neste sentido, Jacques Derrida defende uma leitura do pensamento de Mallarmé como um “materialismo da ideia”¹⁴, entendendo que ideia seja jogo, artifício, forma (verso?), e não verdade, presença, representação. Entre o sol de Platão e o lustre de Mallarmé, Derrida define assim uma encenação que reivindica os seus artifícios:

A operação que já não pertence ao sistema da verdade não manifesta, não produz, não desvela nenhuma presença; também não constitui mais uma conformidade de parecença ou de adequação entre uma presença e uma representação. Não é contudo uma unidade mas o jogo múltiplo de uma cena que, não ilustrando nada fora dela mesma, palavra ou acto, nada ilustra.

13 Jacques Rancière, *Mallarmé. La politique de la sirène*, Paris, Hachette, 1996, p. 30.

14 Jacques Derrida, *La dissémination*, Paris, Seuil, 2001 [1972], p. 257.

Nada senão a multiplicidade facetada do lustre que não é nada, ele mesmo, excepto a sua luz fragmentada¹⁵.

Uma cena, um artifício teatral que só ilustra o que pode iluminar em si próprio – não será uma definição também do verso em crise, ou da crise do verso? Segundo Derrida, o poema não refere nenhum mundo exterior, não comunica, não apresenta a ideia por uma epifania; e também não é possível ler Mallarmé a partir de uma rede de temas, significados – mas sim de figuras, sintagmas, formas. Se o verso não possui nenhum referente exterior a si próprio, ele apenas pode apresentar ao leitor um timbre, um andamento, um ritmo (a música como metáfora permite a Mallarmé ignorar a referencialidade latente na linguagem verbal).

Este jogo de uma opacidade sem referente é uma descoberta orgulhosa, reivindicada no quase-manifesto que é *Crise de Versos*, e ao mesmo tempo frágil, se, no poema, apenas a sintaxe pode oferecer-se como garantia. Dito de outro modo, a fragilidade não é um acidente do poema mas sim a sua condição. Neste sentido, não existe apenas uma crise dos versos: o próprio verso é crise; e, assim, ele expõe a produtividade da crise enquanto experiência de limites situada na linguagem.

Instável, então – tão livre de cânones poéticos quanto da arbitrariedade da linguagem corrente –, esse verso permite inventar, com materiais

15 *Ibid.*

já conhecidos, acontecimentos novos. Como escreve Mallarmé, doravante “cada qual com sua maneira e seu ouvido individuais pode compor um instrumento”¹⁶, e surge “a possibilidade de o poeta não só se exprimir mas também de se modular a seu gosto”¹⁷. Mas esclareça-se: se o poeta se exprime, *é o verso que* entra em crise. O que ouvimos da expressão do sujeito não passa de um tom, cesuras, ritmo, a matéria dos versos a inventar a subjectividade irrepetível. O poeta exprime-se, mas – só aparentemente há aqui paradoxo – a poesia é impessoal. E nela, nenhum sol da Ideia, apenas o jogo dos lustres, ou os “clarões da tempestade”¹⁸.

É nesta perspectiva que *Crise de Versos* surge como texto profético: anuncia que cada poema, porque escrito em crise, deve inventar as suas normas, antecipando o papel que a desestabilização das formas virá a desempenhar na renovação das poéticas do século XX. Paralelamente, Mallarmé aponta também o espaço teórico no qual irão surgir diversas tentativas de definição essencialista de *uma* linguagem poética, sobretudo no contexto do pensamento estruturalista. E, por muitas reservas que tais definições possam hoje merecer, *Crise de Versos* permanece um texto incontornável quando se pretende reflectir sobre as poéticas de tradição moderna e os modos como alguma poesia recente começa a interrogar essa tradição, designadamente ao nível do

16 Cf. p.19.

17 Cf. p.19.

18 Cf. p.9.

entendimento dos processos de subjectivação e de referência.

Em *Un Coup de Dés*, “o objecto da denotação textual é também o funcionamento semiótico do texto”, afirmou Julia Kristeva, considerando que a “constelação móvel” formada pelas frases desse poema expõe aquilo mesmo que enuncia – isto é, “que o domínio simbólico (gramatical, lógico) é um limite entre a perda simbólica (a «loucura») e o excesso de simbolicidade que é o texto moderno”¹⁹. Este mesmo jogo de limites, também o podemos surpreender na sintaxe aglutinante de *Crise de Versos*: é ao expandir as frases até ao limiar do rompimento que este texto nos mostra que a crise enunciada ultrapassa, afinal, o âmbito do verso. Dizer a crise é também precipitá-la: ela apenas acontece quando *Crise de Versos* a descreve e assim a incorpora.

Como no jogo de relâmpagos, da luz e sombra que a chuva projecta sobre os livros, também o texto de Mallarmé ao mesmo tempo revela e encobre. Procurámos, nesta tradução, preservar o jogo do pensamento: não simplificar o que Mallarmé deixa como enigma, por fenómenos de polissemia ou de uma sintaxe que, premeditadamente, implica o leitor no esforço de construção de (múltiplos) sentidos e numa redescoberta do próprio acto de leitura.

Suzanne Bernard identifica três grandes tendências na sintaxe mallarmeana: “tendência

19 Julia Kristeva, *La révolution du langage poétique*, Paris, Seuil, 1974, p. 290.

para a abstracção – tendência para a concentração – tendência para a reconstrução da frase”²⁰. Tentámos que esta tradução não ignorasse nem traísse nenhuma delas. Procurámos, sempre que possível, manter as sobreposições de sentidos, as elisões e os processos de condensação característicos da prosa sintética de Mallarmé, os seus sobressaltos e inversões, a crise também da prosa – que se expõe e se assume. Inevitavelmente, nem sempre o teremos conseguido: em alguns momentos, para manter certas sugestões, era forçoso abdicar de outras. Do mesmo modo, foi impossível manter sempre inalteradas as quebras rítmicas da pontuação mallarmeana, mas tentámos preservar as associações e dissociações que ela visa produzir.

A presente tradução foi elaborada a partir de *Œuvres Complètes* de Stéphane Mallarmé, edição de Henri Mondor e G. Jean-Aubry, Paris, Gallimard – Bibliothèque de la Pléiade, 1945. Todavia, optámos por repor o espaçamento entre parágrafos presente em *Divagations* (1897).

Consultámos diversas traduções, nomeadamente para inglês – “Crisis in poetry”, por Bradford Cook (*in Toward the Open Field. Poets on the art of poetry. 1800-1950*, editado por Melissa Kwasny, 2004), e “Crisis in verse”, por T. G. West (*in Symbolism. An anthology*, editado por T. G. West, 1980) – e para português do Brasil

20 Suzanne Bernard, “La syntaxe de Mallarmé”, *Le poème en prose, de Baudelaire jusqu'à nos jours*, Paris, Nizet, 1994, p. 295.

– “Crise do verso”, por Ana de Alencar (*in Inimigo Rumor*, nº 20, 2007).

Queremos agradecer a Catherine Dumas a colaboração prestada na revisão desta tradução. Naturalmente, a responsabilidade pelo resultado final é apenas nossa.